



Literatura Juvenil no Brasil: algumas considerações

Marcelo Buckowski¹, Dr. Vera Teixeira de Aguiar²

Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, PUCRS

Com o objetivo de delimitar mais o campo de estudos, fazer um banco de dados online sobre os livros de literatura juvenil e teoria da literatura juvenil publicados no Brasil, o projeto Interstícios: literatura juvenil e formação do leitor – arte e indústria cultural é desenvolvido por um grupo de pesquisa formado por quatro universidades: PUCRS, UNESP, UFG e UEM.

O jovem é o sujeito em processo de maturação intelectual, física, psicológica e sexual. Com o decorrer histórico, alguns fenômenos sociais e econômicos foram determinantes para que o jovem passasse a ser concebido de forma diferente na sociedade. Com o desenvolvimento industrial surgem mais oportunidades de empregos; com o desenvolvimento urbano, as pessoas deixam o campo, para habitar os centros onde se localizam as indústrias e as oportunidades de uma vida melhor. Logo, as cidades passam a ser mais populosas e surge uma nova burguesia. Além disso, em 1971, com o advento da reformulada LDB (Lei de Diretrizes e Bases), implantada por Emílio Garrastazu Médici, o ensino no Brasil torna-se obrigatório e gratuito.

Com todas estas mudanças sociais e econômicas, dentro da família, a figura do jovem se modifica: a família passa a perceber que investir na educação e na formação do jovem se faz necessário para torná-lo apto a enfrentar um mercado de trabalho concorrido, alcançar o sucesso profissional e proteger os seus bens. Pela sociedade, o jovem é concebido como aquele que não pode mais ser tratado como uma criança e também não pode ser levado muito a sério como um adulto, permeando o limiar de uma nova estratificação social. Pelo mercado

¹Aluno do Mestrado em Letras do PPGL/FALE/PUCRS.

²Professora do PPGL/FALE/PUCRS.

de consumo, o jovem é visto como um consumidor em potencial, centro das atenções da família; para ele são produzidos objetos de consumo específicos: roupas, músicas, filmes, revistas e livros.

Uma literatura voltada ao jovem é necessária para suprir a vontade de leitura do sujeito que não mais se interessa pelas histórias infantis e ainda não se sente capacitado às leituras adultas. As escolas necessitam de uma literatura mais atrativa ao jovem, de modo a torná-los leitores. Notando as vendas que teriam esse tipo de literatura, as editoras passam a encomendar histórias juvenis novas ou adaptações de literaturas canônicas a autores diversos, consagrados ou não. Alguns chegam a escrever duas, três até quatro obras por ano. Os escritores deste gênero literário acabam por criarem formas próprias de escritura. Algumas características são mapeadas aqui e estudadas no decorrer deste trabalho.

O autor de literatura juvenil escreve a um destinatário jovem. O termo juventude, no sentido plural, como diz Groppo, refere-se a uma realidade social específica (GROPPO, 2000). A temática abordada na obra varia de acordo com o destinatário pressuposto, ou seja, varia de acordo com o gênero, a classe social, a etnia, a época, a região, entre outros aspectos. Algumas obras de Toni Brandão podem servir de exemplo: *Cuidado: garoto apaixonado* é um livro dedicado aos meninos; posteriormente, o autor escreve a continuação da obra, trocando o protagonista por uma menina, sob o sugestivo título *Cuidado: garotas apaixonadas – Tina*. O sucesso do livro dedicado às meninas parece maior do que aqueles dos meninos, porque o autor ainda publica mais dois títulos, *Cuidado: garotas apaixonadas – Nanda e Gute*, ambos com protagonistas femininas.

O protagonista da literatura para os jovens é, quase sempre, jovem. O que variam são as idades dos heróis. O que também pode variar é a idade dos narradores. Há alguns títulos em que o narrador é um adulto que conta a história da sua juventude. A idade é um item um pouco inconstante, pois como definir o sujeito jovem através da sua idade? Lygia Bojunga Nunes, na obra *Corda bamba*, apresenta Maria, uma personagem com dez anos de idade. Ela, após perder os seus pais – equilibristas – em um acidente no circo, passa a viver com a avó, uma mulher muito rica que se encarrega de educá-la, mas não transmite amor à menina. Nessa história, Maria aprende a lidar com os seus sentimentos e, acima de tudo, amadurece precocemente. É, então, Maria menos madura que alguém com dois ou três anos mais que ela e que não tenha passado pelas mesmas experiências da protagonista de Lygia? De fato, a idade é irrelevante em situações como essa. A vida, por vezes, ensina e faz as pessoas amadurecem.

A linguagem utilizada nesse tipo de literatura é coloquial. Gírias e marcas de oralidade estão presentes nas páginas dos livros juvenis e esses são considerados bons, porque se aproximam da língua falada pelos jovens. O autor deve conseguir se travestir de jovem; o leitor não é hipócrita, ele não irá até o final do livro se não perceber um personagem verossímil. O escritor, pois, deve atentar para a linguagem utilizada pelos sujeitos inseridos nesta determinada estratificação etária e social, reproduzindo-a nos livros.

Outro dado relevante é o fato de a literatura juvenil conviver facilmente com outras manifestações culturais, como o cinema, a música, os programas de televisão, que trazem os assuntos presentes na cultura juvenil. Basta abrir o livro de Toni Brandão, *Nanda Cuidado: garotas apaixonadas* e aparece o nome de Pitty (roqueira bahiana) nas primeiras linhas. Ademais, os escritores valem-se, às vezes, de outros suportes como técnica de escrita, para a elaboração de diálogos como o computador e o celular. Em algumas obras, há diálogos dos personagens através do *messenger*, há personagens trocando *e-mails* e mensagens *sms*, etc. Essa realidade moderna é muito presente na literatura para o jovem, pois ele projeta o conhecimento para o futuro.

Essa literatura pode ser considerada em dois aspectos: pedagógica e humanizadora. Por ser lida por jovens, os pais e os professores acreditam que a literatura juvenil deva ensinar algo. Ensinar no sentido pedagógico, por exemplo, na obra de Marcelo Carneiro da Cunha, *Antes que o mundo acabe*, o autor gasta um parágrafo utilizando a voz do protagonista para falar sobre os malefícios das drogas lícitas e ilícitas e conclui o parágrafo lembrando que o álcool também é uma droga, mas ninguém lembra disso (CUNHA, 2000). Esse tipo de educação através de artifícios literários diversos é muito comum, sobretudo na literatura juvenil. Isso é considerado ruim, pois, sendo a literatura uma arte, ela não tem a função de educar. Ela até pode educar, mas como a vida, em sentido amplo. Esse educar é a função humanizadora da literatura, ou seja, o herói vive um rito de passagem, transforma-se durante a história e essa transformação é uma aprendizagem, uma superação de traumas, um amadurecimento intelectual e emocional. Por isso, o texto literário, para a formação do leitor, sobretudo do leitor jovem, é de suma importância. Ele, nesse sentido, exerce diferentes funções – psicológica, formadora e de conhecimento do mundo (Candido, 1972).

Eis algumas considerações sobre a literatura juvenil. Os estudos voltados à ela são recentes, com os pesquisadores buscando fontes sociológicas, pedagógicas, históricas, literárias, psicológicas, entre outras, para chegar a um conceito específico desse tipo de literatura, no Brasil. O trabalho aqui apresentado, insere-se nesse universo de pesquisa.

Referências

- BRANDÃO, Toni. *Cuidado: garoto apaixonado*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- _____. *Cuidado: garotas apaixonadas – Tina*. São Paulo: Melhoramentos, 2004.
- _____. *Cuidado: garotas apaixonadas – Nanda*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.
- _____. *Cuidado: garotas apaixonadas – Gute*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, v. 24, n.9, p.803-809, set.1972.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CUNHA, Marcelo Carneiro da. *Antes que o mundo acabe*. Porto Alegre: Projeto, 2000.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e histórias das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- NUNES, Lygia Bojunga. *Corda bamba*. Rio de Janeiro: Agir, 1997.